


Alteridades vegetais: Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas

MARTA AMOROSO 
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
mramoroso@usp.br

KAREN SHIRATORI 
Universidade de Coimbra | Coimbra, Portugal
karenshiratori@gmail.com

ALINE FERREIRA OLIVEIRA 
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
aliferreiraoliveira@gmail.com

JOAQUIM PEREIRA DE ALMEIDA NETO 
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
joaquim.almeidaneto@usp.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe219497

Este dossiê, dedicado a refletir sobre as relacionidades vegetais, teve origem no evento “Alteridades vegetais: Emaranhamentos multiespecíficos com as plantas”, que reuniu na Universidade de São Paulo, nos dias 29 e 30 de novembro de 2022, pesquisadoras e pesquisadores, indígenas e não-indígenas, de diferentes áreas do conhecimento das ciências humanas - como a antropologia urbana, a etnologia ameríndia, e áreas correlatas como a arqueologia e a ecologia, e também a arte e a arquitetura. Para pensar as alteridades vegetais, certamente precisamos do diálogo interdisciplinar e de outras formas de conhecer.

O evento foi organizado pela *Cadernos de Campo* - revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia social da USP, em parceria com o Centro de Estudos Ameríndios (Cesta-USP) e com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-USP), contou com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e do Projeto ECO – *Animais e Plantas em Produções Culturais sobre a Bacia Amazônica*. O seminário deu continuidade ao debate iniciado em 2019 e que vem se consolidando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo em parceria com



e219497

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe219497>

outros programas de pós-graduação e núcleos de pesquisa do Brasil e do exterior através de cursos, eventos e publicações em torno das vegetalidades e das relações com as plantas.¹ Os artigos aqui reunidos se voltam, sobretudo, para os modos indígenas de viver e habitar o mundo, no qual participam uma pluralidade de agentes, que protagonizam com os humanos histórias mais-que-humanas. As chamadas “interações vegetais” abrem espaço para abordagens inovadoras e interdisciplinares que nos convidam a experimentar epistemologias outras, em vista de abrir espaço para novas ferramentas conceituais, menos centradas na humanidade enquanto sua figura paradigmática. O objetivo do evento foi fomentar discussões que tomassem as plantas como ponto de partida da reflexão, promovendo a confluência entre os diferentes saberes reunidos. Dos trabalhos apresentados no evento, reunimos neste dossiê os que destacam os deslocamentos que os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas aportam às reflexões atuais da chamada “virada vegetal”, bem como aqueles que se guiam pela agência dos seres vegetais, tecendo novas alianças diante do atual aprofundamento da crise ambiental e climática.

Em “Agricultura de brincadeira na Amazônia?” Manuela Carneiro da Cunha (2023) retoma reflexões anteriores sobre os conhecimentos tradicionais e sua importância para a produção e incremento da biodiversidade das florestas tropicais. Desta vez, guiada pelos resultados recentes das pesquisas de etnologia das terras baixas sul-americanas sobre as relações dos povos indígenas com as plantas, a autora retoma o debate sobre a noção de domesticação das florestas tropicais, discussão que mobiliza, de um lado, pesquisas da ecologia histórica sobre as florestas antrópicas, versus a produção recente da etnologia indígena com a qual a autora dialoga, seguindo a constatação da ausência de domesticação de animais nas terras baixas sul americanas. O artigo destaca a importância dos conhecimentos indígenas da floresta, reflexão sintonizada com as epistemologias e ontologias indígenas, que apontam para os protagonismos plurais nas construções dos lugares e das paisagens, dos quais participam para além dos humanos uma multiplicidade de não humanos - plantas, animais, espíritos, fenômenos climáticos, etc. Em que termos, indaga, devemos traduzir as experiências de relacionais com vegetais e animais que orientam os processos de manejo e as práticas de horticultura tradicionais, ações eivadas de perigos e temores, mas igualmente de afetos? Como entender o lugar do humano em meio à agência de outros seres não humanos, que são juntamente com os povos indígenas, donos de cultivares?

O artigo de Marta Amoroso (2023), “Histórias emaranhadas, arquivos subterrâneos. Socialidades multiespecies nas paisagens do Baixo Madeira”, reflete, por sua vez, sobre os “arquivos subterrâneos” deixados nas trilhas mantidas e percorridas pelos

¹ Em abril de 2019 foi organizado o seminário internacional *Vozes vegetais. Diversidade, Resistências e Histórias da Floresta* pela USP e UNICAMP, que no ano seguinte se desdobrou na publicação do livro “Vozes vegetais” pela editora Ubu. Destacamos também a disciplina *Interações Vegetais: Relações entre Plantas, Humanos e Outros Não-Humanos no Debate Antropológico Contemporâneo*, ministrado junto ao PPGAS/USP por Marta Amoroso, Ana Gabriela Morim de Lima e Karen Shiratori, em 2019 e 2020. Destes cursos resultou a publicação em 2021 do e-book “Verdejar ante a ruína: escritos para cultivar novos mundos” com apoio do Cesta Publica. O livro pode ser descarregado gratuitamente no site do Centro de Estudos Ameríndios.

Mura e Pirahã, povos indígenas habitantes da bacia hidrográfica do rio Madeira (Amazônia), que foram associados na literatura especializada às práticas forrageiras. Ao refletir sobre o protagonismo da tuberosa *Casimirella spp*, conhecida pelos Mura como batata *manhafã*, a autora apresenta narrativas sobre as práticas de coleta que propiciam a opção dos Mura de abandono da agricultura, quando lançam mão da tuberosa e de outros vegetais não cultivados, como os frutos das palmeiras. Ou ainda apreende com as mulheres Mura o valor indicial do *manhafã* para as práticas de horticultura. Propondo rever o “fosso” criado pela etnologia e o indigenismo na diferenciação entre os Mura e os Pirahã, baseada em suas experiências opostas de contato, afirma que tal distância é relativizada pelas redes que conectam estes coletivos. A autora retoma assim a crítica etnográfica à noção de aculturação, de modo a seguir com reflexões de caráter político urgente de garantia dos territórios tradicionalmente ocupados e de retomada da língua pirahã pelos Mura. Para tanto, vislumbra uma “história natural” protagonizada pela pluralidade de agentes que constroem as paisagens no baixo Madeira, em que participam vivos, mortos, ancestrais, vegetais, animais e minerais. Este é o fundamento central a partir do qual vai desenvolver algumas de suas contribuições com relação ao tema do pertencimento, parentesco, territorialidade e temporalidades, que servirão de base, posteriormente, para a autora conectar esse debate com as paisagens multiespécies através das trilhas entre os Mura, os Pirahã e as batatas.

Anai Vera Brito e Carlos Papá (2023) participam do dossiê com um experimento de registro do pacto etnográfico estabelecido por uma antropóloga e bióloga e um pensador indígena Mbya, rezador e cineasta. No artigo intitulado “Jajepota ka’aguy rokýre. Encantar-se com os brotos da floresta”, eles promovem uma potente crítica mbya à noção ocidental de floresta, em especial, à noção de Mata Atlântica. O artigo, que dialoga com os estudos multiespécie e trabalha com diferentes registros de vozes, estabelece pontes entre universos sociais distintos e oferece uma saída produtiva para os impasses que podem se originar da escrita conjunta. As concepções e práticas dos Mbya com a chamada floresta são abordadas, assim, em duas chaves analíticas. Da antropologia vem a contextualização da presença imemorial dos povos Guarani na região banhada pelo oceano, as narrativas guarani sobre as relacionais multiespecíficas das plantas que sustentam o cosmos, como a palmeira “pindo”, também conhecida como jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), presente na criação do mundo, que fornece os quatro eixos que sustentam a terra, uma para cada patamar celeste, os cuidados e respeito que propiciam um determinado modo de vida identificado pelo conceito *tekoha*. Já as concepções e práticas cosmológicas dos Mbya com as plantas e animais são o tema da reflexão inspirada de Carlos Papá, que nos remete à escuridão e umidade originais e criadoras, a coreografia dos brotos que abrem os sentidos para formas de comunicação de outrora e ainda vigentes acionadas pelos mbya.

Joaquim Almeida e Teresa Siewerdt (2023) em “Acontecimentos jardim e as parcerias com as plantas e a terra” apresentam, por sua vez, uma escrita mediada por plantas que reúne arte contemporânea e antropologia. O texto tem a forma de uma conversa em torno de quatro trabalhos artísticos produzidos por Teresa Siewerdt entre 2013 e 2019 – Jardim de Passagem (2013, 2014, 2015, 2018), Jardim do Luto (2016, 2019), Jardim sem Governo (2016-2019) e Jardim de Torrões (2015, 2018). Esses quatro trabalhos

foram feitos com plantas vivas e poderiam ser classificados como instalações ou performances, mas os autores preferem desenvolver a noção de jardim como acontecimento, numa referência tanto aos *happenings* artísticos quanto ao pensamento da filósofa belga Isabelle Stengers (2015). É justamente essa ideia de acontecimento jardim que permite aos autores construir um argumento radicular que indisciplina a noção corrente de jardim. O jardim apresentado na conversação é um trabalho multiespécie que assume diferentes temporalidades e que articula diferentes atores humanos e não humanos. Esse jardim pode acontecer dentro de um ônibus, sobre o corpo de uma performer, dentro de uma galeria de arte, num canto de uma rua sem saída. A conversação tem início com as plantas e com a forma como elas se relacionam com as pessoas em espaços urbanos, mas, conforme o texto avança, emergem também as raízes, o solo, a terra e o próprio cultivo para além do jardim. Nesse sentido, os autores terminam a conversação apresentando o projeto Subtrato Guarani (2022), um trabalho de Teresa Siewerdt em parceria com os Guarani Mbya. Esse projeto é uma investigação a respeito da correla o entre a vida do solo e a vida dos agricultores Guarani Mbya que vivem na aldeia Kalipety, na zona sul da cidade de São Paulo. Os autores recorrem, por fim,   ideia de "compreensão afetiva" da antropóloga Maria Puig de la Bellacasa (2019) para chamar atenção não são para os acontecimentos jardim propostos pela artista, mas também para a articulação indissociável entre plantas, solos e pessoas.

O artigo de Pedro Paulo Salles (2023), "O "matinho-de-flauta". Interações multiespecíficas entre plantas, espíritos, humanos e os aerofones Iyamaka", apresenta a heterogeneidade do conjunto de seres-flauta dos Pareci/Haliti, que nos conduz pelos caminhos das taquaras (*Merostachy sp*) e nos apresenta uma reflexão etnográfica das subjetividades desses aerofones *iyamaka*. Se os cantos, mitos, ritos e sonhos são veículos que estabelecem a comunicação xamânica com os seres-flauta; multidiversos são os lugares das taquaras, o "matinho de flauta", que abre a reflexão do antropólogo e etnomusicólogo para outras dimensões das relacionalidades vegetais dos Haliti. Os taquarais das Terras Indígenas são lugares encantados, por excelência paisagens de plantas não cultivadas, onde a mata agredida pelo trator se auto-regenera, onde pessoas e grupos humanos incautos podem vir a ser capturados. Na ação de coleta das taquaras, demandada pela necessidade de renovação dos aerofones que jazem na casa de flautas nas aldeias terrestres, está implicada, assim, a contra domesticação que os seres-taquara promovem com os Haliti.

Por fim, o artigo de Emanuele Fabiano (2023), "Cidades-estado arbóreas, fitopol ticas de guerra e sociedades dendríticas: cosmovisão metropolitana e imaginário urbano entre os Urarina" apresenta as cidades-árvore descritas detalhadamente no discurso xamânico dos Urarina, povo indígena que vive na bacia do rio Chambira na Amazônia peruana. Essas cidades-árvore, que possuem a capacidade de agir e operam conforme protocolos e cadeias hierárquicas altamente organizadas, determinam a maneira como seus habitantes vivem e impõem um sistema normativo fortemente opressor, levando o autor a entendê-las como "cidades-estado arbóreas" ou "cidades dendríticas" em uma rede de cidades-árvores em que cada espécie tem suas línguas e são comandadas por seus *ijiniaeene*, entidades predadoras que atacam e capturam os humanos para servir de mão de obra cativa. Assim estes passam a viver nas cidades arbóreas e são inseridos em seu sistema,

mudando de classe e função conforme transitam entre os seus diferentes espaços, altamente controlados. Para isto, cada *ijiniaene* conta com espíritos auxiliares que garantem a ordem, de modo a fazer com que cada cidade-árvore se fortaleça e se expanda mediante um sistema produtivo complexo e eficiente. Em suma, na análise de Fabiano, nota-se o cruzamento de um tema clássico da etnologia ameríndia - o afastamento do espírito como processo de adoecimento - com aspectos de uma modernidade pautada na racionalidade produtivista capitalista, iluminada por autores que pensam o urbano, de modo a conceber uma etnografia multiespécie em que o centro é a floresta. Assim, o autor mostra como a topografia e a morfologia social dessas cidades-estado expressam, numa dimensão cosmológica, as formas de dominação e subordinação vivenciadas pelos Urarina no norte do Peru, compondo este imaginário urbano que também atualiza e transforma os sentidos destas experiências.

Como pôde ser percebido nessas breves apresentações, os textos que compõem este dossiê problematizam temáticas, por vezes, relegadas a um segundo plano nas análises: a predação vegetal, as plantas não cultivadas/domesticadas, as áreas de floresta distantes das aldeias e dos roçados, a dimensão histórica e cosmopolítica das relações multiespecíficas, a poética vegetal que permeia o discurso mítico ou a criação artística, dentre outros. Ao conferir a posição de sujeito, dotado de agência, às plantas, descortinam-se imagens insuspeitas desses seres clorofilados. Essas imagens exigem reavaliar as características que lhe são comumente atribuídas, pois as plantas se deslocam, mais ainda, são acontecimento e dança que engendra e desabrocha o mundo. Por isso, elas não nos remetem ao terreno do pacifismo e da concordância segundo uma oposição simplista em relação à caça e guerra. Em sua enorme diversidade ecológica, as plantas nos remetem à igual variedade relacional, pois podem ser também predadoras dos humanos, índices de temporalidades distantes e deslocamentos esquecidos, caminhos cambiantes para novos arranjos multiespecíficos para refazer o mundo.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA NETO, Joaquim Pereira de; SIEWERDT, Teresa. 2023. "Acontecimentos Jardim E As Parcerias Com As Plantas E a Terra. Teresa Siewerdt Em conversação Com Joaquim Almeida". *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991) 32 (2):e215769. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe215769>.
- AMOROSO, Marta. 2023. "Histórias Emaranhadas, Arquivos subterrâneos. Socialidades Multiespecies Nas Paisagens Do Baixo Madeira: Socialidades Multiespecies Nas Paisagens Do Baixo Madeira". *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991) 32 (2):e215764. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe215764>.
- AMOROSO, Marta; SHIRATORI, Karen; FERREIRA OLIVEIRA, Aline; ALMEIDA NETO, Joaquim Pereira de. 2023. "Alteridades Vegetais: Emaranhamentos multiespecíficos Com As Plantas". *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991) 32 (2):e219497. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe219497>.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2023. "Agricultura De Brincadeira Nas Terras Baixas Da América Do Sul?". *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991) 32 (2):e220316. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe220316>.

- FABIANO, Emanuele. 2023. “Cidades-Estado arbóreas, fitopolíticas De Guerra E Sociedades dendríticas: Cosmovisão Metropolitana E imaginário Urbano Entre Os Urarina”. *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991) 32 (2):e218075. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe218075>.
- PUIG DE LA BELLACASA, Maria. 2019. “Re-animating soils: Transforming human–soil affections through science, culture and community”. *The Sociological Review*, v. 67, n. 2, p. 391-407.
- SALLES, Pedro Paulo. 2023. “Floresta De Flautas: Interações multiespecíficas Entre Plantas, espíritos, Humanos E Os Aerofones Iyamaka”. *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991) 32 (2):e214335. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe214335>.
- STENGERS, Isabelle. 2015. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro São Paulo: Cosac Naify.
- PAPÁ, Carlos; BRITOS, Anai Vera. 2023. “Jajepota ka’aguy rokýre: Encantar-Se Com Os Brotos Da Floresta”. *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991) 32 (2):e215752. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe215752>.

Sobre os organizadores

Marta Amoroso

Professora de Antropologia da Universidade de São Paulo e pesquisadora do Centro de Estudos Ameríndios CEStA.USP.

Karen Shiratori

Doutora em Antropologia pelo Museu Nacional (UFRJ), é atualmente pesquisadora do projeto ECO (Universidade de Coimbra). É membro do Centro de Estudos Ameríndios (CEStA) da USP e de Patrimoines locaux, environnement & globalisation (PALOC-IRD).

Aline Ferreira Oliveira

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.

Joaquim Pereira de Almeida Neto

Mestre e doutorando em Antropologia Social (PPGAS/USP). Atualmente, desenvolve uma pesquisa cujo objetivo é descrever etnograficamente trânsitos de conceitos, práticas e procedimentos entre Antropologia, Arte e Ciência.

Autoria: Os autores são responsáveis pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos

apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001- e do Edital de Apoio a Eventos Científicos 2022 da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação da Universidade de São Paulo. Este artigo faz parte do projeto ECO, financiado pelo Conselho Europeu de Pesquisa (ERC) no âmbito do programa de pesquisa e inovação Horizon 2020 da União Europeia (acordo de concessão nº 101002359).

This work was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 – and by the Universidade de São Paulo - Edital de Apoio a Eventos Científicos 2022 da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação.
This article is part of the project ECO, funded by the European Research Council (ERC) under the European Union’s Horizon 2020 research and innovation program (grant agreement no. 101002359)

Recebido em 30/11/2023.

Aprovado para publicação em 02/12/2023